



A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR PESQUISADOR PARA VISUALIDADE E LEITURA DE MUNDO DOS SURDOS

Ana Clara Dias de Almeida

Email: saidclaraana@gmail.com¹

Cliveland Teles Fernandes

Email: clivelandteles@id.uff.br²

Helena Dantas Pinheiro

Email: helenadantas.geo@gmail.com³

Resumo

O professor, enquanto pesquisador, precisa estar em constante movimento e renovação. Nesse aspecto, dentro do estudo da geografia, o docente, deve estar em constante construção de um pensamento crítico diante das diversas questões, principalmente aquelas que atravessam o conjunto com os alunos. Em um contexto de mudanças na questão da inclusão nas escolas regulares, a formação de alunos dentro de suas especificidades e potencialidades torna-se fundamental para uma sociedade plural e inclusiva. Respeitar o surdo enquanto cidadão ativo na sociedade implica a potencialidade da expressão dentro de sua própria língua e cultura. Propor a partir de imagens e fotografias, a leitura das percepções e contradições do espaço, a fim de trabalhar o olhar geográfico como potencial de inclusão e compreensão do mundo e da sociedade, utilizando a cartografia básica como ponto inicial, pois o mapa pode ser uma convergência dos conceitos de imagem e lugar. Por ser uma disciplina interativa e que dialoga com as diversas ciências que circundam o mundo em que vivemos, a Geografia, se torna fundamental no entendimento do mundo e das relações estabelecidas dentro dele. Esse trabalho tem como objetivo traçar a metodologia de pesquisa dentro do contexto escolar sob a perspectiva do professor enquanto pesquisador na procura de construir uma nova forma de se ensinar e aprender geografia, que dialogue com a cultura surda. Metodologicamente, entendemos que como a visão se torna o sentido mais expressivo dentro da cultura surda, este deve ser o primeiro sentido a ser potencializado na educação inclusiva para surdos, e por isso, em nosso estudo recorreremos aos geógrafos e naturalistas descritivos para que se recupere a

¹ Graduanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal Fluminense, educadora do Projeto Vinde a mim, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior no segmento Residência Pedagógica.

² Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal Fluminense, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior no segmento Residência Pedagógica.

³ Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal Fluminense, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior no segmento Residência Pedagógica.

análise do espaço através dos símbolos e signos captados pelas paisagens e representações cartográficas. Apontamos como resultados que assim como a língua portuguesa possui a sua subjetividade implícita que constrói a identidade e a formação interpessoal do aluno ouvinte, as imagens possuem intencionalidades e subjetividades, podem constituir interfaces de leituras e comunicação para os alunos surdos.

Palavras-chave: Ensino, Libras e Pesquisa.

Introdução

Em 2017, o tema da redação do ENEM, "Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil", atentou para uma questão que há muito tempo vem se discutindo mas que ao mesmo tempo é extremamente negligenciada nos espaços escolares de um modo geral: a inserção dos surdos nas escolas regulares.

Desde de 2002 foi promulgada a lei 10.436 que oficializou a Libras como a Língua Brasileira de Sinais, e tornou possível uma série de decretos que contribuíram para a inserção do surdo nas escolas regulares :

“Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente. Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa. “ (lei 10.436).

Entretanto, no atual momento político, em 2019, há uma desvalorização de ações governamentais para a valorização do surdo, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) foi extinta dia 2 de janeiro em um decreto do atual presidente Bolsonaro, a SECADI foi criada em 2004 com a intenção de incluir grupos historicamente excluídos ao ambiente escolar, passando a responsabilidade de atuar para Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação, e colocando como subtema dentro desta, a Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos, importante pontuar que além de colocar a margem a demanda em uma diretoria, e coloca foco nas medidas estatais apenas na alfabetização desses surdos, e compreende-se que uma educação Bilíngue não é mesma coisa que uma educação adaptada a singularidade deste aluno.

A situação dos alunos surdos em escolas públicas também se agrava por causa da qualificação do intérprete presente, muitas vezes com pouco preparo na área de educação, sobre este tema os autores Almeida, Rocha e Peixoto, em 2013 na página 105, discorrem:



Desse modo, com relação ao intérprete educacional, os desafios encontrados nas aulas de Geografia estão concentrados na falta de conhecimento dele sobre os conhecimentos básicos da disciplina, gerando, por sua vez, dificuldade em transmitir os termos técnicos específicos de tal ciência e na ausência de recursos visuais para subsidiar seu trabalho, a fim de que o conteúdo se torne compreensível para o aluno surdo. Cabe ainda nesta discussão, a falta de preparo pedagógico para lidar com a inclusão e com as práticas educacionais cotidianas. Uma vez que não é exigido, ao intérprete, uma formação específica para o trabalho no ambiente escolar, havendo, somente, a cobrança em relação ao conhecimento da Libras, que, por sua vez, não é sinônimo de domínio dos conhecimentos pedagógicos nem dos específicos da área de Geografia. Quando o assunto é a necessidade de intérpretes nas escolas, a situação é agravada pela carência de profissionais capacitados, pois os centros de formação não conseguem qualificar na velocidade que exige a demanda.[...] A dificuldade no ensino de alunos surdos varia ainda, conforme o grau de conhecimento que este tem da Libras. (ALMEIDA, ROCHA, PEIXOTO, 2013, pág:105.)

Em um contexto de mudanças na questão da inclusão de surdos nas escolas regulares, a formação desses alunos dentro de suas especificidades e potencialidades torna-se fundamental para uma sociedade plural e inclusiva. Respeitar o surdo enquanto cidadão ativo na sociedade implica a potencialidade da expressão dentro de sua própria língua e cultura. Assim como os alunos ouvintes são expostos a todo momento as subjetividades e intencionalidades do discurso, os alunos surdos também se deparam com as diferentes intencionalidades e contradições do espaço visual. Sujeitos surdos estabelecem com a escrita uma relação de natureza essencialmente visual, cuja negociação de sentidos passa pela mediação de uma língua de modalidade visual-espacial (FERNANDES, 2008).

Portanto, como objetivo, o presente trabalho visa estimular o olhar geográfico dos discentes a respeito dos espaços em que habitam e os fenômenos que observam nos espaços e lugares por onde circundam, e transformar esses saberes empíricos, construídos a partir de suas vivências, em um conhecimento científico geográfico mais útil em suas vidas. Dessa forma, pretende-se estimulá-los a capacidade de construção do próprio conhecimento, tornando-os seres ativos no processo de aprendizagem e possibilitando a sua melhor compreensão do mundo dentro de sua própria identidade como cidadão surdo.

Metodologia

Nossa proposta inicial de atividade foi pensada juntamente com a comunidade surda, a partir de diálogos com professores surdos, professores ouvintes especializados em educação para surdos do Instituto Nacional de Educação de Surdos e sob orientação da Professora Dra.

Ana Claudia Giordani do curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense. A prática educativa foi realizada com uma aluna surda do 7º ano da Escola Municipal Paulo Mendes Campos, uma escola regular da cidade de Niterói no Rio de Janeiro.

Sabemos que a Geografia nos espaços escolares se resiste ao campo de estudo sobre o espaço e tempo, sendo assim, obtendo uma grande possibilidade no campo visual, por exemplo, um mapa, em sua imagem, é um pilar para seu entendimento de região e espaço, por isso, o conhecimento geográfico é essencial para surdo, pois dialoga com sua linguagem primária visual, sendo essencial sua cultura e potencialidade para sua aprendizagem, portanto, não apenas introduzi-lo aos conceitos geográficos, mas também, tomá-los para si e usar para sua autonomia no espaço inserido.

A percepção metodológica de planejarmos a aula de acordo com o campo visual, se utilizando de trabalho de campo, mapas e imagens, nasceu da nossa formação enquanto professores pesquisadores na universidade, a disponibilidade e o entendimento que a comunidade surda é devido ao uma pesquisa árdua com seus membros, e principalmente, dos estudos na área de educação, o planejamento feito para esta aula, foi com base nas nossas potencialidades como professor pesquisador.

Reflexões sobre professor pesquisador da metodologia

A importância da geografia como componente curricular

A geografia originalmente foi utilizada como uma ciência que auxilia na interpretação do espaço com fins bélicos (LACOSTE, 1988). Contudo, dentre seus objetivos, sempre buscou-se criar respostas para os problemas encontrados na sociedade. Durante sua trajetória, a ciência geográfica evoluiu de forma com que pudesse interpretar os fenômenos espaciais sociais e naturais, abrindo um leque para diversas possibilidades de pesquisa e de estudo. No Brasil, a geografia como componente curricular teve início no século XIX, primeiramente no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, e mais adiante foi sendo introduzida como disciplina do currículo das escolas de todo país.

Nesse momento, a geografia insere-se como ciência com o objetivo de tornar didática a expansão territorial e a criação de uma identidade nacionalista, levando aos alunos o estudo do território, os mapas e a natureza. Segundo CAVALCANTI, a geografia como componente curricular também tinha um viés de ensinamento empírico, descritivo e acrítico. Essa vertente, chamada hoje de Geografia Tradicional, prevaleceu nas escolas brasileiras até a década de 70, quando, na ditadura militar, passou a tratar de temas políticos mais amplos, porém de forma



neutra e despolitizada. Assim, a geografia se configurava como uma ferramenta de manutenção do controle do Estado no âmbito da educação. A redemocratização, bem como a estruturação da Associação dos Geógrafos Brasileiros, trouxe efetivas mudanças para o ensino de geografia. É na década de 80 que a Geografia trabalhada nas escolas brasileiras ganha caráter reflexivo e político, voltando-se para o estudo das contradições sociais. Esta Geografia Crítica é, até hoje, a concepção mais amplamente difundida de geografia, bem como melhor ferramenta de educação emancipadora a ser trabalhada por um professor-pesquisador.

Concepção do professor-pesquisador

A metodologia de pesquisa dentro do contexto escolar sob a perspectiva do professor enquanto pesquisador procura construir uma nova forma de se ensinar e aprender geografia. O professor, enquanto pesquisador, precisa estar em constante movimento e renovação. Nesse aspecto, dentro do estudo da geografia, que engloba os fenômenos sociais e naturais que ocorrem dentro de uma espacialidade, o professor-pesquisador deve estar em constante construção de um pensamento crítico diante das diversas questões, principalmente aquelas que atravessam o conjunto com os alunos.

Esse papel de construção do conhecimento, em conjunto com a prática de dar aula, torna a sala de aula um espaço de pesquisa extremamente rico, onde a teoria e a prática se cruzam com o objetivo de tornar o ensino e a aprendizagem atrativos e úteis aos alunos. Assim, dentro da pesquisa em sala de aula, além de se pensar no papel da docência, deve-se pensar em como a deiscência pode desenvolver melhor suas potencialidades dentro do espaço escolar.

Por ser um espaço de ampla diversidade e levando em consideração a importância da autonomia e a criatividade do professor, portanto, não é possível elaborar especificamente procedimentos únicos e fechados de pesquisa dentro dessa área, pois devem ser exploradas nesse profissional qualidades como a criatividade, autonomia, a criticidade e a autocrítica, tanto nele quanto em seus alunos, de modo a tornar o espaço escolar um momento de construção orgânica do conhecimento.

Dessa forma, o papel crucial do professor-pesquisador é o de repensar a docência, dentro de um cenário onde o fazer docente já foi cristalizado por nós como um papel de transmissão de conhecimento e, dentro do imaginário romantizado pela sociedade, a visão da figura do professor como um herói. Ambas as ideias são ilusórias, ultrapassadas e não corroboram com a construção de um saber autônomo e emancipatório e cabe a esse profissional, dentro de sua pesquisa, reconstruir e explorar novas formas de atuação dentro do campo educacional.

Concepção de Educação Geográfica

O estudo dos conteúdos escolares são uma forma de compreender sobre uma sociedade, pois demonstra que práticas sociais são valorizadas ao ponto de serem reproduzidas as próximas gerações, sendo assim, a geografia presente no currículo deve ser representativo socialmente e espacialmente. A geografia em sua educação pretende conceber, em seus espaços educacionais, formatos conteudistas, mas sem abrir mão para reflexão da realidade.

A geografia presente em sua forma tradicional escolar se mostra conteudista, em procedimentos técnicos e repetitivos, tendo como agente um professor apenas como transmissor de informação, da forma tradicional, por exemplo, ao ensinar relevo, acaba caindo no automático da memorização do mesmo, caso o professor saia desse formato, se propõe a outros planejamentos de aula, as consequências serão outras na concepção de geografia escolar, seguindo o exemplo, a matéria pode atuar de outras formas, como no entendimento de impactos de relevos na sociedade.

A situação da pesquisa, presente na educação, tem como frutos, uma disciplina escolar que aborda uma reflexão, exemplificando, é pensamento crítico sobre o mapa que se produz, o gráfico que se lê e os relevos que se observa, em conjunto a sociedade em que está inserido este aluno. Concluímos que com esta atuação, podemos não ficar na superficialidade de uma educação bilíngue, mas sim introduzir a cultura surda aos componentes dos conceitos geográficos.

A geografia é uma concepção diversa em cada escola, portanto abre espaço para diversos conteúdos, humanos e físicos, em uma construção única de tempo e espaço, e de uma interação total deles, observando e analisando suas transformações e reproduções, sendo portanto aquela que vai abordar a interdisciplinaridade e a pesquisa como cotidiano.

“A tensão entre a seleção a priori de um conhecimento, a organização do trabalho pedagógico na escola e a identidade de alunos e professores deve ser a base para a definição do trabalho docente. Nesse sentido, ensinar geografia é abrir espaço na sala de aula para o trabalho com os diferentes saberes dos agentes do processo de ensino – alunos e professores. Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois, ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade e pelos bairros, eles constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios. Assim, vão formando espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e contribuindo para a produção de espaços geográficos mais amplos. Ao construir geografia, constroem também conhecimentos sobre o que produzem, conhecimentos que são geográficos. Então, ao lidar com coisas, fatos e processos na prática social cotidiana, os indivíduos vão construindo e reconstruindo geografias (no sentido de espacialidades) e, ao mesmo tempo, conhecimento sobre elas.” (CAVALCANTI, 2012, pág 45)



O planejamento para concepção de uma geografia escolar é uma ação de suma importância, pois é neste momento que projeto político-pedagógico mostra seus objetivos, teorias e práticas, tanto nos espaços da escola, do professor e em sala de aula. Para elucidar não a importância, Libâneo (2013) ressalta:

“A escola, os professores e os alunos são integrantes da dinâmica das relações sociais; tudo o que acontece no meio escolar está atravessado por influências econômicas, políticas e culturais que caracterizam a sociedade de classes. Isto significa que os elementos do planejamento escolar- objetivos, conteúdos e métodos - estão recheados de implicações sociais, têm um significado genuinamente político. Por esta razão, o planejamento é uma atividade de reflexão acerca de nossas opções e ações; se não pensarmos detidamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho ficaremos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes na sociedade”
JOSE C. LIBANEO 2013

Portanto, a concepção de geografia pode se encontrar como algo flexível diante de realidades escolares, por isso, é de de suma importância práticas e teorias educacionais que sejam articuladas e planejadas. A geografia se expande de seus conceitos conteudistas e se torna uma educação pesquisadora repleta de nuances de pensamento crítico, sua flexibilidade é uma característica que não interfere na concepção de ter conteúdo e conceitos estabelecidos, por fim, a geografia escolar se mostra aos alunos como uma clara leitura científica de espaço, tempo, sociedade e natureza.

Desenvolvimento

Neste trabalho, tivemos como foco, uma introdução à cartografia escolar e a prática de escala, assim como o desenvolvimento do significado dos conceitos de lugar e região pela aluna em questão. Tais conceitos foram utilizados por meio de diferentes perspectivas do espaço geográfico; a partir dos sentimentos de pertencimento e afetividade, conjuntamente mostrando homogeneidade e diferenciação dos espaços e suas representações como um todo.



Fotografia.1.- Foto feita com um celular, realizada pela autora, mostrando o trabalho de campo sendo realizado com aluna na UFF- Campus Gragoatá.

Diante disso foi realizado um trabalho de campo, onde a aluna deveria a partir de um mapa, se localizar e orientar-se no Campus da UFF, Gragoatá, a partir das convenções cartográficas, e registrar a experiência através de fotografias. Durante a atividade percebemos uma série de incoerências e contradições dentro do próprio espaço da Universidade, desde a distância de vestimentas entre os alunos até as diferenças de estrutura e identidade de cada bloco, portanto, a pluralidade de lugares. Tudo isso contribuiu para que houvesse uma convergência entre teoria e prática do ensino, onde foram percebidos de fato os conceitos vistos em sala a partir da vivência.

O campo foi pensado com o objetivo de levar a aluna até sua casa, localizada nas redondezas da universidade. Durante esse processo, aprofundamos melhor as diferenças de espaços, principalmente o do setor visual e espaço urbano. A distância que ela percorre em seu cotidiano entre escola e casa também foi debatida, além disso, a identidade visual da libras e sua relação com meio ali materializado. Fazendo com que de forma prática a aluna conseguisse relacionar o que ela estava vivenciando com os conceitos geográficos de urbanização, espaço e cartografia apresentados.



Fotografia.2.- Foto feita com um celular, realizada pela co-autora, mostrando o trabalho de campo sendo realizado com aluna, e demonstração de mapas, na UFF- campus gragoatá.

A ambientação do campo também foi pensada para que a aluna tivesse autonomia de tirar suas fotos e distinguir com aquelas trazidas pelos professores, para que pudéssemos abordar sua própria visualidade. Ademais queríamos que ela nos dissesse as similaridades e diferenças do seu olhar sobre a paisagem e que a partir disso podemos compreender as diferenças entre introduzir o conceito de paisagem, quando na verdade ela também pode ser sentida e registrada, pois a partir da sua própria fotografia a mesma poderia se apropriar dos conceitos dados para descrever e refletir a paisagem da sua própria forma.



Fotografia.3.- Foto feita com um celular, realizada pela co-autora, mostrando o trabalho de campo sendo realizado com aluna, a qual, está trabalhando seu olhar fotográfico visual sobre UFF- campus gragoatá.

Considerações Finais.

Apesar da dificuldade de se explicar certos conceitos, mediante a falta de um vocabulário geográfico em Libras, conseguimos, por meio de mapas e explorando a memória visual da aluna, abordar uma série de questões espaciais visando explorar o olhar geográfico da mesma. A partir dessa análise, percebemos também novas formas de se olhar o mundo. Sobretudo, que os conceitos que para nós ouvintes são imprescindíveis são encarados sob uma outra perspectiva pelos surdos.

No decorrer deste trabalho, percebemos que mais do que estimular o olhar geográfico de nossos alunos, é preciso também aprender com eles a sua própria Geografia e os fatores espaciais que para eles são fundamentais no cotidiano e na prática diária. A prática docente nos permite experienciar a sala de aula de modo a transformar e sermos transformados por ela, dentro disso, mais do que ensinar geografia, deve-se reaprender a geografia a partir dos múltiplos olhares e perspectivas, para assim construir um ensino de fato inclusivo e libertador.

Por fim, compreendemos que nossa capacidade de agir para planejarmos esta prática deve-se a nossa formação com objetivo de nos tornarmos professores pesquisadores, pois com ela, entendemos a relevância do contexto social a qual nossos alunos se encontram e a partir disso, podemos nos introduzir nele, afiar a nossa afinidade, e por concluir, se utilizar de mediações didáticas para trazer isto a sala de aula e nossa disciplina.

Referências bibliográficas

- FERNANDES, Sueli de Fátima. **Letramento na educação bilíngue para surdos: caminhos para a prática pedagógica.** In: FERNANDES, Maria Célia Lima; MARÇALO, Maria João; MICHELETTI, Guaraciaba (Org.). *A língua portuguesa no mundo.* São Paulo: FFLCH, 2008
- BRASIL. Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.
- ALMEIDA, J. P.; ROCHA, I. S.; PEIXOTO, S. A. **Uma Reflexão Acerca do Ensino de Geografia e da Inclusão de Alunos Surdos em Classes Regulares.** Revista Brasileira de Educação Geográfica, Campinas, v. 3, n. 5, p. 98-118, jan./jun., 2013.
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** Campinas: Papyrus, 1998.



CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra**. Tradução Maria Cecília França – Campinas, SP: Papyrus, 1988.

LIBÂNEO, José Carlos **Didática**. 2. ed. Cortez, - São Paulo: 2013.